

41117 – Teorias Sociológicas

Orientações para o estudo do Tema 1. Renascimento sociológico: as teorias sociológicas entre as guerras mundiais

1.4. A Escola de Frankfurt e a Teoria Crítica

Esta semana focar-nos-emos no subtema 1.4. 'A Escola de Frankfurt e a Teoria Crítica'. O tema 1.3. 'O Marxismo Hegeliano' é disponibilizado apenas como enquadramento histórico do desenvolvimento das teorias marxistas posteriores a Karl Marx (1818-1883).

A Escola de Frankfurt foi uma escola de pensamento filosófico com grande influência na sociologia e noutras disciplinas, sobretudo, em meados do século XX. A designação 'Escola de Frankfurt' decorre da associação dos principais autores fundadores desta corrente intelectual ao Instituto para a Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt, fundado em 1923. Em 1930, Max Horkheimer (1895-1973), o fundador da expressão 'teoria crítica' (tal como esta é entendida neste contexto) chegou a director deste centro de investigação. Outros autores relevantes da primeira geração da Escola de Frankfurt foram Theodor Adorno (1903-1969), Herbert Marcuse (1898-1979) e Erich Fromm (1900-1980). A maioria da investigação desenvolvida pela Escola de Frankfurt foi realizada no exílio por estes e outros autores pois, sendo, na sua maioria, judeus, tiveram de fugir da Alemanha no período anterior à Segunda Guerra Mundial. No exílio, o Instituto para a Pesquisa Social de Frankfurt acabou por ficar ligado à Universidade de Columbia, em Nova Iorque, a partir de 1935.

No contexto da Escola de Frankfurt, o conceito de 'teoria crítica' tem um sentido peculiar, que foi definido por Max Horkheimer, em 1937, no texto 'Teoria tradicional e teoria crítica'. Para Horkheimer, a teoria crítica opõe-se de modo fundamental ao que este designa como 'teoria tradicional', sendo a teoria tradicional a teoria científica positivista. Segundo Horkheimer, a teoria tradicional funciona dentro de uma divisão do trabalho intelectual na qual cada cientista realiza pesquisas circunscritas, baseadas na observação empírica e na execução de experiências científicas que visam provar hipóteses. Dentro do paradigma positivista de ciência, o conhecimento científico é cumulativo, funcionando cada investigação particular para produzir uma parcela de conhecimento que se soma ao conhecimento já existente. Graças à divisão do trabalho intelectual, esta 'teoria tradicional' restringe-se a áreas muito específicas – e progressivamente mais específicas – do mundo. Os biólogos, químicos ou engenheiros estudam fenómenos concretos, muitas vezes minuciosos, dentro do campo da biologia, da química ou de uma engenharia específica (*e.g.*, mecânica, aeronáutica, informática). Não estudam a biologia ou a química como um todo. Isto observa-se nas ciências naturais como nas ciências sociais. A economia estuda fenómenos económicos, a ciência política fenómenos políticos, a história fenómenos históricos. Mas um economista não estuda a economia como um todo; estuda o

funcionamento concreto de um mercado particular numa geografia específica. Ao fazê-lo, o conhecimento que ele produz vai ser acrescentado ao que já se sabe de economia em geral.

Ora, Horkheimer considera que este funcionamento cumulativo, especializado e baseado na execução de experiências empíricas é, muitas vezes, um obstáculo à compreensão do funcionamento das sociedades modernas capitalistas como um todo. Percebemos muito bem uma parte, mas falhamos na compreensão da totalidade porque estamos demasiadamente focados em detalhes e nada sabemos do resto. Mais ainda, esta divisão do trabalho intelectual é promovida pelas estruturas de poder das sociedades modernas capitalistas, que beneficia. Ou seja, a teoria tradicional funciona para benefício das classes sociais dominantes, fornecendo-lhes conhecimento e instrumentos para melhor apropriarem, explorarem e dominarem o mundo.

Dados estes problemas da teoria tradicional, Horkheimer considera que é necessário desenvolver um tipo de teoria diferente, nomeadamente, a teoria crítica. Esta obedece a princípios epistemológicos e políticos fundamentalmente diferentes dos da teoria tradicional – e mesmo a princípios antagónicos. A teoria crítica rejeita a divisão do trabalho intelectual pois considera que, sendo a modernidade capitalista uma totalidade, o conhecimento sobre ela produzido tem de ser total. Ou seja, a teoria crítica visa compreender as sociedades modernas capitalistas como um todo e não descobrir leis científicas que expliquem como funciona uma das suas múltiplas e minúsculas partes. É a teoria total de uma totalidade.

Mas a teoria crítica não tem como finalidade compreender o mundo. Antes, o seu objectivo é mudá-lo. A teoria crítica é uma teoria politicamente empenhada, visando promover a revolução total (e não uma revolução parcial, como a revolução agrária ou a revolução tecnológica) das sociedades modernas capitalistas. Para isso, a teoria crítica está, segundo Horkheimer, do lado das classes dominadas e, em particular, do lado do proletariado – a classe explorada capaz de levar a cabo uma revolução total que termine a modernidade capitalista. A função da teoria crítica é mostrar ao proletariado como funciona a modernidade capitalista, assim promovendo activamente a revolução no sentido da emancipação social.

Os autores da Escola de Frankfurt foram muito influenciados pelo trabalho de Karl Marx (1818-1883) e de Friedrich Engels (1820-1895), mas tinham uma interpretação peculiar da obra destes últimos. Em particular, apesar de herdarem de Marx e Engels uma feroz crítica ao capitalismo, os autores da Escola de Frankfurt afastam-se em alguns pontos cruciais das leituras ortodoxas da obra de Marx e de Engels (*i.e.*, as que eram dominantes no contexto da União Soviética e as que, fora desta, concordavam com a interpretação soviética do marxismo).

Desde logo, os autores da Escola de Frankfurt tinham, maioritariamente, uma visão desiludida e pessimista da modernidade e do capitalismo. Ao contrário dos marxistas ortodoxos, na teoria crítica não há “amanhãs que cantam”. As narrativas desencantadas de vários autores da Escola de Frankfurt são explicável, em grande medida, pelo seu percurso biográfico. Esta é uma corrente teórica desenvolvida por autores que experienciaram duas Guerras Mundiais, alguns

deles morrendo durante este período devido a perseguições políticas – por exemplo, Walter Benjamin (1892-1940), que, não sendo, rigorosamente, um dos autores de Frankfurt, conviveu com muitos deles e realizou o seu trabalho na periferia do núcleo duro do Instituto para a Pesquisa Social. Como mencionei, a Escola de Frankfurt, em rigor, desenvolveu-se mais nos Estados Unidos da América do que na sua Alemanha natal dado que os seus principais autores eram judeus alemães que foram forçados ao exílio com a subida ao poder do partido nacional socialista e que desenvolveram uma parte considerável do seu pensamento cientes da realidade dramática dos campos de morte nazis.

Para os autores de Frankfurt, nada garante que ocorra uma revolução que termine com o capitalismo e com as formas de opressão que o caracterizam (exploração, alienação, *etc.*). E mesmo que uma revolução semelhante ocorra, nada garante que esta resulte na manutenção (ou mesmo na intensificação) de alguns dos tipos de opressão que caracterizam o capitalismo (*e.g.*, a dominação burocrática totalitária) ao mesmo tempo em que atenua ou elimina outros (*e.g.*, a exploração). Aliás, para autores como Horkheimer, Adorno ou Marcuse, a revolução russa de 1917 e, em particular, o Estalinismo demonstravam, precisamente, isto. Nesta medida, ainda que crítica do capitalismo, a teoria crítica da Escola de Frankfurt era também crítica do comunismo soviético.

Indicando um ponto de afastamento adicional entre estas correntes intelectuais, ao contrário da teoria marxista ortodoxa, a teoria crítica não apoia o seu diagnóstico da modernidade capitalista na primazia da economia sobre todo o resto da sociedade. Antes, concebe este modelo societal como estando apoiado na articulação totalizante entre economia, política, cultura, e outras esferas sociais (daqui o peso dado por autores da Escola de Frankfurt tais como Adorno ou Marcuse à crítica da cultura popular e, em particular, dos *mass media*, que percebiam como conducentes à alienação das massas operárias).

Adicionalmente, pelo menos em alguns dos principais autores da Escola de Frankfurt, a influência de Marx é acompanhada pela atribuição de uma importância considerável a Sigmund Freud (1856-1939) e a Max Weber (1864-1920). Se a Marx a Escola de Frankfurt vai buscar uma conceptualização do capitalismo em termos de contradição dialéctica (classe exploradora contra classe explorada; relações sociais de produção contra forças produtivas), já a Weber vai buscar a ideia de que a modernidade é, inerentemente, irracional não só apesar dos processos modernos de racionalização do mundo mas, precisamente, devido a estes processos. A Freud, estes autores vão buscar uma interpretação psicanalítica da modernidade capitalista.

A teoria crítica da Escola de Frankfurt foi fundamental para desenvolver a crítica ao principal sistema sócio-político dos últimos séculos, a modernidade capitalista. Mesmo que alguns destes autores não fossem, em rigor, sociólogos, influenciaram, inegavelmente, o pensamento sociológico crítico contemporâneo e, por isso, merecem a nossa atenção.

Para realizar o estudo destes tópicos, deverá ler o texto abaixo indicado:

Therborn, Göran (2002), "Teoria crítica e o legado marxista do século XX", in Bryan Turner (org.), *Teoria Social*. Alges: Difel, 51-81. Ed. Orig. 1996.

O texto de Therborn discute outras correntes marxistas do século XX para além da teoria crítica da Escola de Frankfurt, mas apenas prestaremos atenção a esta última nesta unidade curricular. Deverão ler todo o texto pois ele fornece uma contextualização histórico-conceptual relevante, mas prestem particular atenção à informação sobre a teoria crítica.

Quem necessitar de rememorar o que sabe sobre Marx e Engels poderá ler os textos opcionais indicados de seguida. Realço que o programa desta unidade curricular incide sobre teorias marxistas do século XX e não sobre o marxismo original de Marx e Engels, mas as primeiras apenas se compreendem por contraste e em continuidade com o segundo.

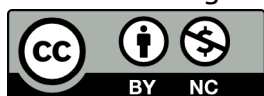
Marx, Karl; (2004), "Prefácio ao «Para a Crítica da Economia Política»", in Manuel Braga da Cruz (org.), *Teorias Sociológicas. Os Fundadores e os Clássicos. Vol 1*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 73-74. Edição original 1859.

Marx, Karl; Engels, Friedrich (2004), "Manifesto do partido comunista", in Manuel Braga da Cruz (org.), *Teorias Sociológicas. Os Fundadores e os Clássicos. Vol 1*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 61-71. Edição original 1848.

Tenha em mente que este texto de apoio não substitui a leitura do texto de Therborn.

Como actividade formativa opcional (não avaliada), procure resumir as principais ideias do texto indicado como bibliografia obrigatória. Escreva as suas dúvidas e comentários interpretativos (ancorados na bibliografia e não, meramente, comentários de senso comum) no fórum da UC para serem discutidos com a equipa docente e os/as colegas.

Este texto foi preparado por João Aldeia para o ano lectivo 2023/2024 da unidade curricular Teorias Sociológicas 41117.



<http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>